

# Juros: piora clima no governo

O primeiro escalão técnico da chamada equipe econômica, mais presente no Banco Central e Fazenda, tem posição fechada por uma estratégia de abrandamento gradualíssimo das taxas de juros, o que não autoriza otimismo quanto a um cenário menos recessivo ainda este ano. A convicção é a de que, às vésperas do Natal, uma queda brusca dos juros reproduziria o cenário de consumo desenfreado que obrigou o governo, no mesmo período do ano passado, a sustar o crescimento da economia, com alto custo político, e comprometeria o êxito obtido até aqui no gerenciamento do Plano Real.

A discussão alimenta antiga crise no comando da economia: esse segmento da equipe econômica opera em sintonia fina com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e identifica nos ministros Sérgio Motta (Comunicações) e José Serra (Planejamento) a oposição a essa estratégia dentro do governo. A nitidez dada pelo próprio Motta ao conflito, condenando publicamente a manutenção dos juros no patamar atual, legitimou o coro dos empresários sufocados pelo aperto monetário. A pressão externa virou interna, e aumentou de tal forma a temperatura na área econômica do governo, que obrigou o presidente Fernando Henrique, na Bélgica, a nova declaração de prestígio a Malan.

Uma declaração que vai além do meramente formal: indica, na leitura de quem conhece e convive com o presidente, que ele não permitirá, em nenhum momento, o fortalecimento da tese de um superministro, a ser brindado com a fusão dos Ministérios da Fazenda e Planejamento na pasta da Economia. Independentemente de sua convicção sobre o assunto, Fernando Henrique manterá aí, mais do que em qualquer outra área, a dicotomia Serra—Malan.

Fernando Henrique tem feito de Motta canal para sinalizar posições preferenciais nos casos de conflitos internos, mas, desta vez, o ministro parece ter errado a mão, segundo algumas avaliações, como o atirador que troca a pistola pelo canhão. Lembra uma fonte muito próxima ao presidente que

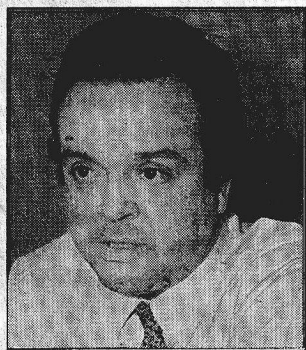
se um dia Malan tornasse irreversível a decisão de sair do governo — já manifestada uma vez —, outro viria substituí-lo. E talvez não tão cavalheiro como Malan tem sido com seus desafetos.

Serra defende uma política efetiva de redução dos juros e a flexibilização do crédito e tem retornado das reuniões do Conselho Monetário Nacional (CMN) verdadeiramente irado com a condição de voto vencido. A ala Malan considera que o fim imediato da política de juros altos tornará inevitável a reedição do consumo e, pior, abortará uma das conquistas mais importantes do gerenciamento monetário do Plano Real: a mudança de mentalidade que começa a ser percebida no consumidor, que já não aceita passivamente preços aleatórios e, questionando-os, ajuda a consolidar a vitória contra a inflação.

Intuem os técnicos que essa postura dos consumidores já produziu um exército invisível de aliados do governo na luta pela erradicação do mal inflacionário. Uma revisão radical dessa estratégia, motivada pela ajuda política a governadores sufocados pela progressão geométrica das dívidas estaduais, implicaria necessariamente risco. Admitida, no entanto, a hipótese, os economistas alertam para o custo político de uma nova “derru-

bada” da economia, quando os efeitos do consumo de final de ano se fizerem sentir, em meados de abril de 1996.

O conflito gera contra-informações espantosas. Uma fonte graduada contesta, por exemplo, as estatísticas sobre o nível de desemprego e assegura que o governo obteve de algumas das empresas de consultoria que produziram esses números, a confissão de que foram superdimensionados. Para não contrariar clientes empenhados em provar que a recessão é uma realidade progressiva, algumas dessas consultorias teriam considerado como desemprego resultante da recessão, vagas abertas e não-preenchidas pelas empresas, cortes provenientes da terceirização de serviços e até redução de quadros prevista com antecedência em razão de renovação tecnológica e de informatização.



■ João Bosco Rabello dirige a sucursal de Brasília

**FH manterá aí,  
mais do que em  
qualquer outra  
área, a dicotomia  
entre os ministros  
Serra e Malan**